

ÁFRICA E A GEOGRAFIA DO SUBDESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DE SUAS DIFERENTES FORMAS DE INSERÇÃO NO “SISTEMA-MUNDO”

Vânia Regina Amorim da Silva¹
Isaac Gabriel Gayer Fialho da Rosa²
João Grand Junior³
Marianna Fernandes Moreira⁴

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as diferentes formas de inserção da África Subsaariana no sistema-mundo (sendo este entendido tal qual para Wallerstein, 1979,p.05 como a formação de uma única divisão do trabalho em escala global, abarcando diferentes sistemas culturais e políticos), desde o século XV até os dias de hoje. Portanto, este estudo tratará, primeiramente, da inserção do continente no sistema-mundo em formação, por meio do comércio de escravos, será avaliado também o papel africano no século XIX, através da busca de matérias primas em seu território e como palco de repartição colonial, passando pelo papel da África na guerra fria e analisando o relativo isolamento de parte do espaço africano nos anos 90. A *posteriori*, serão delimitadas as novas possibilidades de inserção , como: redes petrolíferas, segurança global e dinâmicas geoeconômicas, entre outras.

DESENVOLVIMENTO

Contrariando o postulado do isolamento da África em relação ao resto do mundo observa-se que o continente encontra-se em contato com outras regiões do planeta desde a antiguidade, e que essas relações se intensificaram a partir do século XV. A partir deste momento, tal difusão se mostra marcante na costa ocidental, pois ocorre a presença pioneira de portugueses, que mantiveram um quase monopólio desta área por mais de um século, sendo, a *posteriori*, sucedidos pelos britânicos, franceses, holandeses e dinamarqueses. Estes países procuravam força de trabalho escrava para abastecer as *plantations* monocultoras tropicais que se expandem a partir da colonização da América. Para corroborar tal afirmativa observa-se que até 1600 o fluxo de escravos era ainda diminuto (compreendendo de menos de 1 000 por ano até 6 000 no fim do período); mas, no fim do século XVII, estimulado pelo desenvolvimento da produção agrícola americana, os embarques atlânticos chegaram a voluptosa quantia de 30 000 escravos por ano, atingindo

¹ UFRJ - vramorim@uol.com.br

² UFRJ- isaacgabriel@globo.com

³ UFRJ – jggeo@ig.com.br

⁴ UFRJ - mfmoreira@globo.com

a cifra de 80 000 por ano no fim do século XVIII, contabilizando, assim, uma quantia total de 11 a 12 milhões de “migrantes forçados” transportados para o “Novo Mundo” (OLIVER: 1994,p.142). Da mesma forma, a costa africana do oceano Índico, se insere desde a Antiguidade, em redes de comércio de ouro, marfim e escravos que conectam a região, por exemplo, com o Egito e a Ásia (RODRIGUES: 1990). Sendo assim, a inserção da África no sistema-mundo em formação, se dava, sobretudo, por meio do fornecimento de uma mercadoria importante (mão-de-obra escrava) para a reprodução da lógica da economia vigente através de uma rede de portos/feitorias comerciais que não caracterizava uma penetração interiorana estrangeira marcante, mas que conectava a região às escalas globais.

A partir do século XIX, o tráfico negreiro se extingue gradualmente quando os países centrais alcançam um grau superior de industrialização e desenvolvimento tecnológico, o que acarreta um consumo crescente de matérias-primas encontradas em paisagens distantes (HOBSBAWM: 2002 b). Tal dinâmica leva a uma divisão da periferia em zonas de influência com mercados protegidos, ocorrendo, assim, a formação de grandes impérios mundiais. Em escala africana, este processo desencadeou a chamada “partilha da África” (WESSELING: 1998) que se traduziu por uma maior penetração européia no interior, realizada devido aos produtos primários (como por exemplo, borracha, algodão, ouro, diamante, cobre) que eram encaminhados para o espaço global de trocas através de portos que se comunicavam com os meios de transporte, sobretudo ferrovias e navios a vapor, que se disseminavam no território da África. Ratificando esta postulação Hobsbawm (1988) demonstra que em 1850 não havia um único metro de linha ferroviária na África, situação que se modificou em apenas trinta anos, com a presença de 2,9 milhares de milhas.

Contrariamente à América Latina, a colonização da África Subsaariana foi, então, bastante tardia e, sobretudo, muito mais curta, pois o edifício colonial desmoronou basicamente nos 20 anos que seguiram a 2ª Guerra Mundial (HOBSBAWM: 2002 a). Nesse momento, caracterizado pela guerra fria entre os EUA e URSS, que lutavam por um posição hegemônica no sistema-mundo, a independência e o processo de construção dos jovens Estados nação africanos constituíram um palco de rivalidades entre as 2 potencias dominantes. Ou seja, o continente africano insere-se, então, no espaço mundial como palco de jogo de interesses, ocorrendo, assim, diversos conflitos, que são expressões das disputas ideológicas. Um caso que exemplifica tal lógica diz respeito ao ocorrido no ex-Congo Belga logo depois de sua independência. Neste momento, oficiais belgas aí instalados tiveram divergências com as tropas responsáveis pela segurança da capital. A resposta para tal atitude foi a demissão de todos os funcionários europeus e a integração de empregados africanos aos quadros do recém formado Estado. Esta atitude gerou um pânico na população européia presente, estimulando que uma parte desta comunidade apoiasse a

secessão da província de Katanga, que era extremamente rica devido à extração de cobre. Seguindo o exemplo, a província de Kasai Meridional (rica em diamantes) também declarou independência. Sendo assim, com uma baixa sensível em suas receitas, o governo central tentou manter a unidade de seu território recebendo apoio da União Soviética (que forneceu inclusive armamentos) enquanto os Estados Unidos apoiaram as províncias separatistas, pois possuíam o desejo de desarticular o governo central. Tal cenário demonstrou em escala nacional as disputas leste-oeste ocorrentes em escala global.

No começo da década de 90 ocorre o fim do sistema socialista, situação que viabilizou a expansão das relações econômicas mundiais nos moldes capitalistas. Mas esta expansão não ocorreu de forma homogênea, pois investidores e empresários observaram que determinadas regiões do globo não respondiam efetivamente aos seus ideais de lucro. Em consequência disso, *“nas duas últimas décadas, enquanto uma economia global e dinâmica se instaurava em boa parte do mundo, a África Subsaariana experimentava um processo de significativa deterioração de sua posição relativa no comércio, investimento, produção e consumo em relação a todas as demais áreas do globo”* (CASTELLS: 2000, p.108). Neste contexto, o continente africano passou por uma queda sistemática do investimento estrangeiro direto, situação que se combinou com um forte retrocesso da indústria africana nas décadas de 80 e 90 e um decréscimo brutal dos preços dos principais produtos de exportação da África, as *commodities*. Com isso, economias e sociedades africanas passaram por uma profunda crise e acabaram dependendo cada vez mais da ajuda internacional e empréstimos externos provenientes, principalmente, de governos e de doadores humanitários. Referendando tal informação, Castells, (2000, p.112) observa que, em 1990, o continente africano era responsável por 30 % do recebimento do auxílio financeiro global, e, em 1994, esta ajuda financeira internacional participou em 12,4 % do PNB do continente. No entanto cabe ressaltar que a crise que assolou a África não significa que esta esteja à margem das redes globais, pois fluxos de alto valor, tais como petróleo, ouro, diamantes e metais, continuam a ser exportados, contribuindo assim, para um crescimento econômico substancial. Dessa maneira, o problema que se coloca é como estes recursos são utilizados, já que grande parte da riqueza não é reinvestida onde foi gerada e alimenta, em prioridade, as contas pessoais dos dirigentes africanos, consumo de ostentação frequentes fora do país e circuitos do clientelismo e corrupção, essenciais para a manutenção do poder dos mesmos governantes.

Diversos teóricos atuam no sentido de buscar explicações para a crise generalizada na qual a África Subsaariana passou na década de 90. *“Basil Davidson acredita que a crise da sociedade decorre de muitos reveses e conflitos, mas a raiz do problema é diferente... Basicamente, trata-se de uma crise institucional”* (CASTELLS, 2000, p.121). O governo predatório característico da maioria dos Estados africanos é resultado do processo de

individualização das classes dominantes e fundamenta-se *“pela concentração de poder na cúpula do governo e pela personalização das redes de delegação de poder. O regime se impõe mediante o uso de impiedosa repressão”* (CASTELLS, 2000, p.123). Sendo assim, esse regime é o principal responsável pela segregação sócio-espacial de muitos africanos.

A título de exemplo, escolhemos a Nigéria cuja história recente, ilustra bem essa hipótese. A evolução do país, que concentra cerca de 20% da população africana, ditará, segundo, Castells (2000) em parte os rumos futuros do conjunto do continente. Sua economia é fundamentada nas receitas geradas pelo petróleo e hoje concentradas nas mãos do Estado. Este recurso distribui-se espacialmente de forma desigual, estando concentrando a maior parte, em apenas 4 estados, situados no delta do rio Níger. Esta região é habitada pelas minorias étnicas que sofrem intervenções das autoridades governamentais por reivindicarem acesso aos recursos provenientes da exploração do petróleo. Nesse caso, a luta pela apropriação da renda energética do sul do país deu origem a inúmeros conflitos no aparelho de Estado desde os anos 1970 que adquiriram uma dimensão cada vez mais étnica e territorial nos anos 1990. A fim de diminuir a força da oposição étnica e dos grupos excluídos dessa renda, o governo promoveu uma fragmentação político-administrativa do território nigeriano, aumentando o número de estados de 12 para 30, no intuito de fazer proliferar o clientelismo em novas escalas de poder, contribuindo para o inchaço da máquina estatal e a divisão crescente da oposição ao governo central. Paralelamente, as oscilações do preço do petróleo e as necessidades de alimentar em recursos esse novo mapa político estimularam o desenvolvimento do narcotráfico, do contrabando e da lavagem de dinheiro. A Nigéria se inseriu, dessa forma, nas redes ilegais mundiais, que também caracterizam a inserção da África na globalização. Essa evolução fez, no entanto, crescer a insegurança e acelerou a delinqüência das instituições, contribuindo para a diminuição dos investimentos no país e, conseqüentemente, na ampliação da busca por recursos compensatórios na economia ilegal. Com isto, instaura-se uma condição de caos generalizado, marcado pela multiplicação dos conflitos, fome, migrações forçadas, entre outras, impulsionado por fatores endógenos e exógenos; o primeiro referindo-se aos regimes políticos, e o segundo às grandes instituições capitalistas que contribuem para a permanência e agravamento desta situação.

Novas perspectivas

Após o relativo “isolamento” da África Subsaariana e a crise econômica da década de 1990; surgem novas perspectivas de “inserção” desta região no “sistema-mundo”, em função da globalização acelerada da economia mundial. (KIPRÉ:2002, p.116): através da preocupação com a segurança global, devido a indícios de “células” da rede terrorista “Al-Qaeda”; das redes petrolíferas, pela necessidade dos países centrais de diversificar as fontes de abastecimento frente à instabilidade do Oriente Médio (principal exportador

mundial); e das novas potencialidades produtivas que se delineiam, como o turismo, especialmente na África do Sul, Quênia, Namíbia e Tanzânia, e os serviços, como *call center* e contabilidade em Maurício; entre outras.

Segurança global

Os acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001, no qual dois aviões de linhas domésticas americanas foram jogados contra as Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York; e o Pentágono, em Washington, serviram como alerta para o fato de que as redes ilegais, clandestinas e/ou ilícitas estavam se tornando cada vez mais globais. Assim, “*pelo seu caráter muito mais difuso, fragmentado e descontínuo (mas não desarticulado) no espaço geográfico, o terrorismo é uma das faces mais perversas da globalização, e seu produto direto*”. (HAESBAERT:2002, p.43) Ele é composto por “células” flexíveis de base local, além de procurarem apoio logístico de alguns Estados-nações, os quais apresentam determinadas características como por exemplo, legislação e fiscalização fracas. Desta maneira, os governos dos Países Centrais deverão criar mecanismos para conter o avanço destas redes internacionais, que se encontram dispersas espacialmente, e têm uma enorme capacidade de reposição dos seus contingentes.

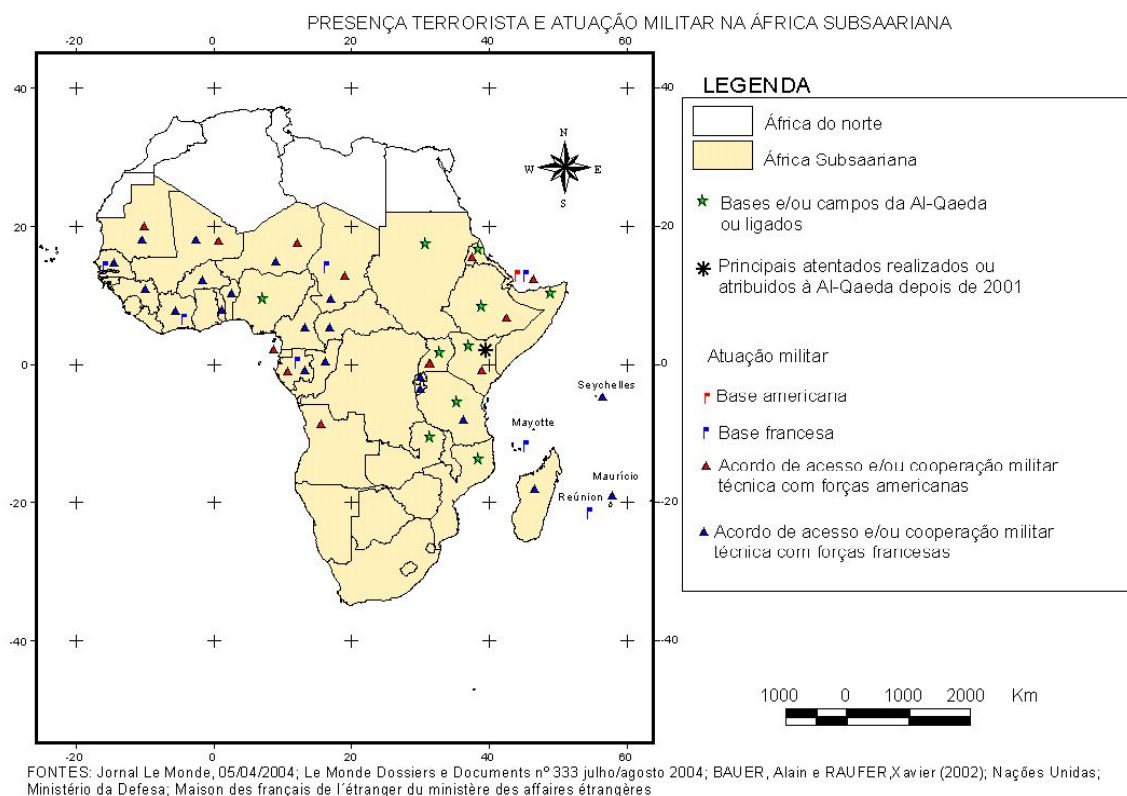
Neste sentido, a África Subsaariana adquire uma importância geoestratégica para a segurança global, já que estaria servindo de base para redes ilegais e/ou clandestinas, como o terrorismo e o narcotráfico (HAESBAERT:2002, p. 38, 44) (ver mapa 1). Foram detectadas células terroristas no Chifre da África e na Nigéria⁵, (que podem manter ligações com o tráfico de diamantes em Serra Leoa e de armas na Libéria). Além disso, esta região continua a se afirmar como área de produção e trânsito de drogas e como grande centro de consumo, como o tráfico de *Khat* no Quênia, de cannabis no Lesoto e África do Sul (que é o 2º maior produtor mundial⁶), entre outros. Neste contexto de instabilidade, a África se configura como um território deveras importante nas estratégias mundiais de segurança (Khalaf,2004; Rodriguez,2004).

A partir do mapa 1, tem-se que a África Subsaariana não é um local privilegiado de atentados terroristas. Foram detectados: um atentado em Mobasa (Quênia) a um hotel que hospedava israelenses em 2002, e às embaixadas dos Estados Unidos, também no Quênia e na Tanzânia. No entanto, ela abriga uma série de campos e/ou bases ligados à Al-Qaeda, confirmando a utilização desta região principalmente como plataforma logística de redes terroristas, ou seja, utilizam a região somente para se organizar e estabelecer suas células.

MAPA 1

⁵ Departamento de Estado dos Estados Unidos

⁶ Observatoire Géopolitique des drogues: abril/2000



Com isto, em função da importância que esta região adquire em relação à disseminação de redes ilegais, a política americana proposta para a segurança africana se caracteriza por uma presença militar leve e flexível (REMY, 2004). Esta reformulação pode ser constatada no mapa 1, onde observa-se uma quase ausência de bases americanas (só existe uma em Djibuti, na rota para o Mediterrâneo), as quais vão sendo paulatinamente substituídas por postos avançados (pequenos grupos que se deslocam em função das necessidades operacionais), que garantem maior flexibilidade no combate a este inimigo, que se encontra cada vez mais pulverizado.

Observa-se também no mapa 1 a atuação espacial das forças militares francesas, e estas ao contrário das americanas, são caracterizadas por uma presença de um maior número de bases e exércitos (situação que lhe confere menos flexibilidade), que estão localizados sobretudo, no seu ex-império colonial. Tanta difusão de atuações militares demonstra a importância que o continente africano detém para a França em específico, e a União Europeia em geral.

Paralelamente, vêm sendo propostas políticas de segurança que colocam o desenvolvimento do continente como uma alternativa para combater, por exemplo, a formação de novas “células terroristas” nesta região, que poderiam se constituir em um risco mundial. Esta situação fica evidente no Relatório do Departamento de Estado dos Estados Unidos, onde se demonstra que a “África é importante para a paz e segurança mundiais e receberá toda a ajuda necessária dos Estados Unidos para promover o seu

*desenvolvimento.*⁷ Assim, é dada ênfase a uma maior aproximação comercial com os Estados africanos, sobretudo os de grande influência regional, como a África do Sul, Nigéria, Quênia e Etiópia. Esta idéia fica clara nas palavras do Departamento de Estado dos Estados Unidos (2002, p.04): “Ao comercializar mais com os países africanos, aumentamos a capacidade desses governos e o padrão de vida dos africanos, construindo juntos um Estado mais forte no qual as pessoas possam exercer suas liberdades e os terroristas não possam ter êxito com tanta facilidade”. Os esforços, segundo o Departamento de Estado dos Estados Unidos, também têm sido concentrados em três outros pontos que seriam a luta contra o islamismo radical em expansão na África Subsaariana, especialmente no Chifre da África; a prevenção do vírus HIV-AIDS, e na luta a favor da democracia. Desta forma, em 2001, o Estado norte-americano contribuiu com mais de US\$ 1,1 bilhão para programas de desenvolvimento na África Subsaariana⁸. Então, observa-se que a preocupação com a segurança global pode motivar uma maior “inserção” desta região nos fluxos globais.

Redes petrolíferas

Outra forma de ingresso da África Subsaariana nos fluxos globais é através do petróleo, recurso não-renovável essencial para a economia global e que deve continuar dominando a matriz energética por algumas décadas. Após a II Guerra Mundial, com a descoberta de campos petrolíferos na África e no Oriente Médio, ocorre o aumento da importância estratégica da periferia mundial que fornecia já nos anos 70, cerca de 60% da produção mundial (KINDER: 1985, p.194)

O petróleo da África Subsaariana passa a adquirir importância estratégica a partir da necessidade dos países centrais de diversificar suas fontes de abastecimento deste produto e diminuir a dependência do petróleo do Oriente Médio, em decorrência da grande instabilidade pela qual passa esta região. Aproximadamente 90% da produção de petróleo do Golfo da Guiné é exportada, principalmente para a Europa e América do Norte e esta região é, atualmente, responsável pelo abastecimento de 15% do consumo total de petróleo dos EUA, sendo que esta percentagem deve passar para 25% até 2015. Empresas como a ChevronTexaco e a Exxon-Mobil, vão, assim, investir US\$ 10,6 bilhões somente este ano no Golfo da Guiné (BOUQUET: 2003, p. 208-209; BARUJA: 2004,p.58-59)

Assim, a renda gerada pelo petróleo tem uma enorme importância para a economia de muitos países da África Subsaariana, além de ter uma influência determinante sobre a política. De maneira geral, os países produtores são marcados por uma extrema dependência em relação à exportação deste produto (ver tabela 1), devido ao fato de não investirem as receitas geradas pelo petróleo na diversificação do seu parque produtivo, em

⁷ Departamento de Estado dos EUA:2002, p.1

⁸ Departamento de Estado dos EUA:2002, p.06

infra-estrutura, e em melhorias das condições sociais da população. Desta maneira, o petróleo é exportado no estado bruto. A indústria de refino é de pequena performance e dividida em diminutas unidades, tratando menos de 10% dos hidrocarbonetos que são destinados ao mercado interno. (POURTIER:2001, p.229) Além disso, estas rendas não alcançam grande parte da população, a título de exemplo pode-se falar da Nigéria (maior exportador de petróleo desta região, como pode ser visto no mapa 3), onde 90 milhões de pessoas vivem com menos de 1 dólar por dia (BOUQUET:2003, p. 209).

MAPA 2

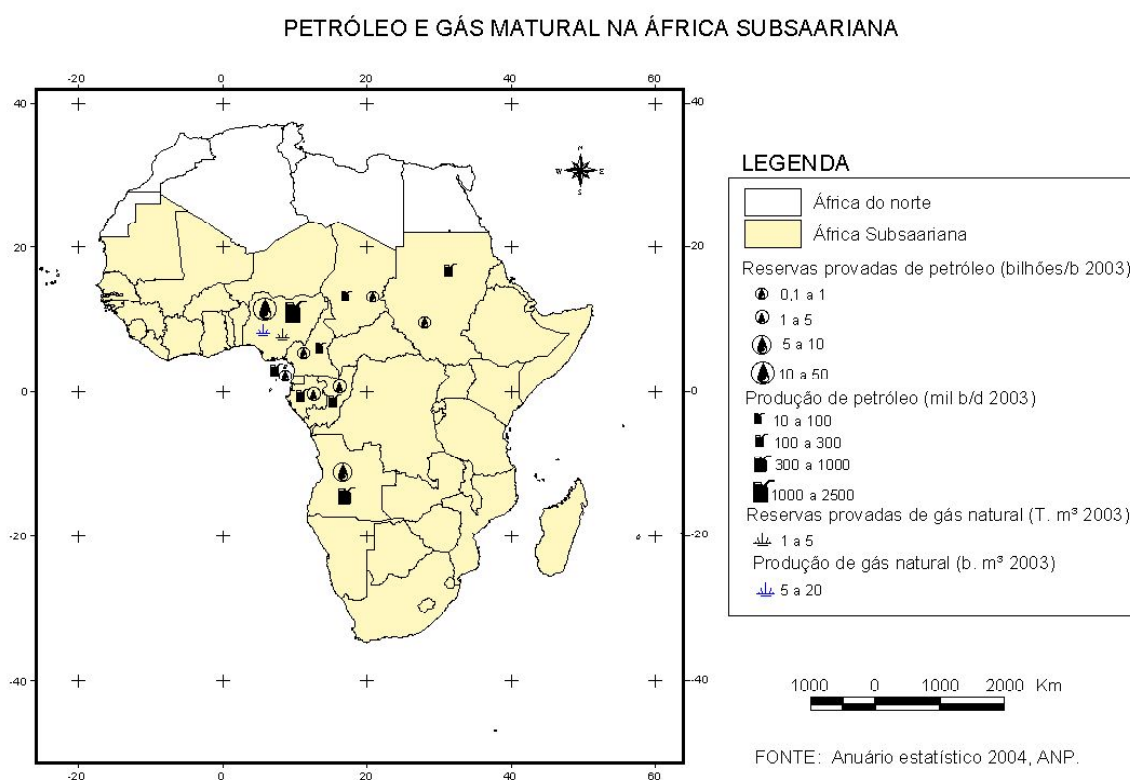


Tabela 1 - Dependência do petróleo dos exportadores africanos (estimativas 2002)

País	% PIB	% Exportações	% Receitas do governo
Nigéria	40	95	83
Angola	45	90	90
Congo-Brazzaville	67	94	80
Guiné Equatorial	86	90	61
Gabão	73	81	60
Camarões	4,9	61	20

Fontes: Banco Mundial, FMI, CIA World Factbook 2002, Departamento de Estado dos E.U.A., U.S. Energy Information Administration.

Neste contexto, multinacionais aliadas a grupos políticos locais tratam a renda de maneira clientelista, privando o Estado de melhorias econômicas. A Nigéria possui uma dívida externa que equivale a aproximadamente 72% do seu PNB. O petróleo é o principal vetor da “grande corrupção”, transitando clandestinamente no Estado (POURTIER:2001, p.230). Segundo a organização internacional Transparência, 5 países africanos estão entre os 10 mais corruptos (medidos através do Índice de percepção de Corrupção), são eles: Nigéria, Angola, Madagascar, Quênia e Uganda, sendo que os dois primeiros são os maiores exportadores de petróleo da África Subsaariana (ver mapa 2).

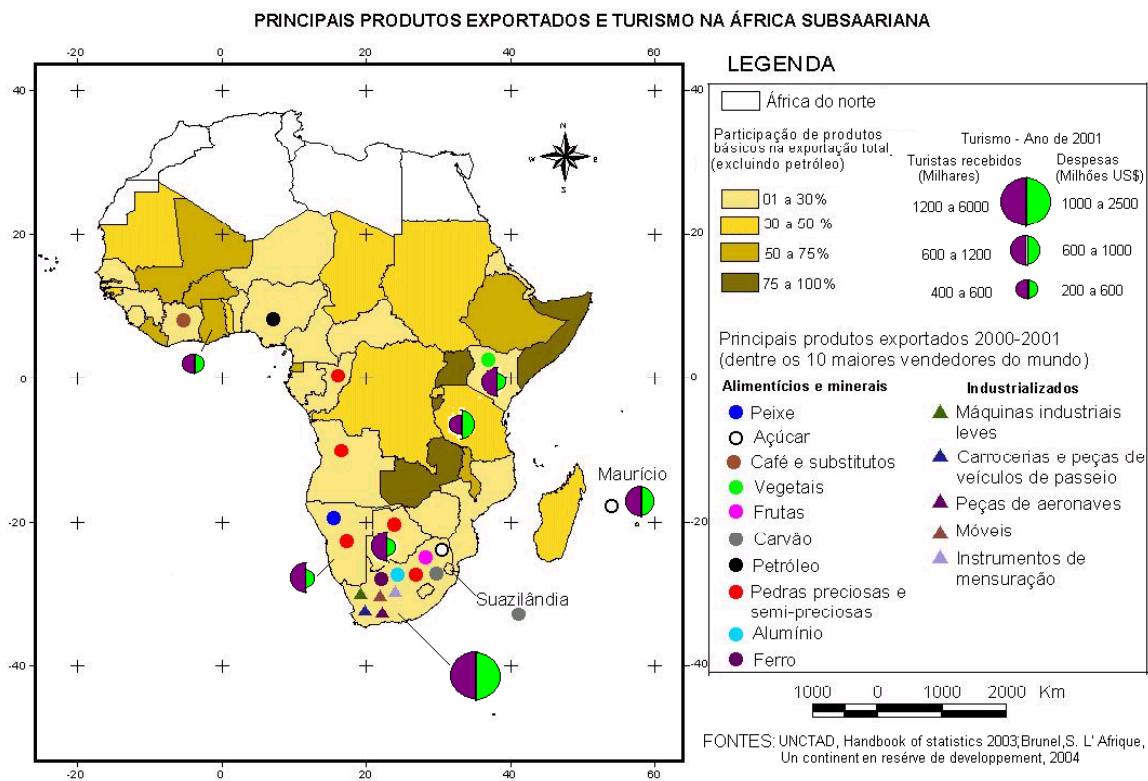
Somando-se a isso, os interesses petrolíferos foram e são motivos para conflitos violentos como Brazzaville (1994 e 1997), além da Guerra civil que perdura em Angola. A economia petrolífera atrai interesses financeiros especialmente dos Estados africanos e de grupos petroleiros, e, muitas vezes, entra em choque com aqueles das populações nativas. Como exemplo, em 1995, uma imensa produção e liquefação de gás natural foi aberta no delta do Níger (mais de 2% das reservas mundiais). Este projeto, o mais importante da África Subsaariana associa Shell, Elf e Italian Agip e o Estado nigeriano. Sua realização reavivou os conflitos entre as populações nativas de um lado, o Estado e as companhias petrolíferas de outro (POURTIER:2001, p.229-230). Para não cometer os mesmos erros, e reconhecendo a necessidade de uma maior transparência em relação aos royalties e respeito ao meio ambiente, o mais recente produtor de petróleo da África Subsaariana, o Chade, segundo Gary (2001), garante que vai recorrer a consultas à sociedade civil, ter maior transparência em relação à contabilidade petrolífera, e se preocupar com o meio ambiente na construção de um oleoduto entre Doba, ao sul do Chade e o porto Kribi em Camarões; demonstrando assim, avanços na gestão das rendas petrolíferas.

Novas potencialidades produtivas

Nesta nova e intensa fase de globalização, há uma confirmação da África Subsaariana como exportadora de produtos agrícolas e recursos minerais (ver mapa 3), sendo pouco modificada a assimetria das trocas. As culturas comerciais, nascidas durante a impulsionamento colonial, abriram o continente ao mercado mundial e foram objetos de controvérsias, porque estavam inicialmente associadas aos interesses das colônias e são estruturalmente dependentes dos mercados do Norte, além de concorrerem com a produção de alimentos. Em muitos países, a produção interna não tem condições de abastecer toda a região, sendo necessário importar alimentos. Apesar disso, estas produções comerciais constituem um dos fundamentos essenciais das dinâmicas agrícolas de um grande número de Estados africanos, sendo que a agricultura sustenta 70% da população ativa na África Subsaariana. As culturas de exportação, compostas por 90% de produtos primários repartidos entre produtos agrícolas e atividades extrativas, têm grande impacto sobre as

sociedades africanas, apesar de compor menos de 1% do mercado mundial. (POURTIER:2001, p.75, 93)

MAPA 3



Como pode ser observado no mapa 3, existem muitos países extremamente dependentes da exportação de produtos agrícolas e minérios (excluindo petróleo), mas que não se configuram como 10 maiores exportadores do mundo de nenhum destes produtos. Assim, pode-se constatar que, para alguns países como Somália, Etiópia, Zimbábue, Uganda, Burundi, Gana, Mali, Mauritânia, apesar da agricultura ser à base da economia destes países, estes não têm representatividade em nível mundial. Porém, países como África do Sul, Quênia, Namíbia, Angola, Costa do Marfim, Nigéria, Congo, se configuram entre os 10 maiores produtores mundiais de algum produto agrícola ou minério.

A África Subsaariana possui também aproximadamente 30% das reservas minerais do mundo, mas as deficiências estruturais contribuem para que a indústria se resuma, na maior parte dos casos, à extração. Esta se concentra fortemente na África do Sul, uma vez que, neste país, a indústria extrativa levou ao nascimento de um autêntico capitalismo nacional. Depois do fim do século XIX, as minas estimularam a criação de infra-estruturas e engendraram uma acumulação de capital que levou a uma industrialização relativamente diversificada (situação que é corroborada no mapa 3, já que este é o único país que se destaca na exportação de bens industrializados). Apesar disso, a exportação de matérias-primas não cessou, tendo a África do Sul se afirmado como exportadora importante de

carvão. Assim, ela abriga hoje dois gigantes da mineração: Anglo-American e Gencor (POURTIER:2001, p.228).

E, novas potencialidades produtivas vêm se apresentando através do frete aéreo e abrindo novas portas para a África Subsaariana como frutas, legumes e feijão verde no Quênia e Burkina Faso, ananás e manga na Costa do Marfim, e uvas na África do Sul, que chegam no inverno aos mercados da Europa, e, atualmente, flores em Madagascar e no Quênia. (POURTIER:2001, p.96-97). Outras potencialidades que vêm se delineando são os serviços, tendo como exemplo, contabilidade e call center em Maurício; além do turismo, que vem ganhando destaque no Maurício, Tanzânia (Zanzibar), Namíbia, Quênia (Mombasa, Lamu), em função das praias, com grandes hotéis e padrão de conforto internacional (piscina, bar, boite), devido aos parques naturais, além da possibilidade de turismo de negócios na África do Sul (fato que explica a polarização deste país no que concerne ao turismo que pode ser constatado no mapa 3) .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se a existência de redes que conectam a África Subsaariana com as demais regiões do mundo desde o século XV, havendo, ao longo do tempo, mudanças na intensidade, configurações e motivações de tais fluxos, reforçando, assim, a importância desta região no espaço de trocas global, podendo-se inferir assim, que ao contrário do que se apregoa, a África Subsaariana não está à margem do “sistema-mundo”. E, a partir daí, surge um questionamento: as novas perspectivas com relação à preocupação com a segurança global, as redes petrolíferas, e as novas potencialidades produtivas como o turismo e os serviços poderão garantir um desenvolvimento a longo prazo e um futuro mais estável para a África Subsaariana?

REFERÊNCIAS

BARUJA, S. P. *EUA de olho no petróleo africano*. Revista Império Americano. Caderno Mundo 58-59

BOUQUET, Christian (2003) *Nouvelle equisse de géopolitique africaine*. In: BART, François (org.) (2003) *L’Afrique - Continent pluriel* Édition Sedes/VUEF/CNDE

BRUNEL, S. (2004) *L’Afrique*, Ed. Bréal, Paris.

CASTELLS, M (2000). *Fim de Milênio*. São Paulo: Paz e Terra.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS (2002) “África: Grande prioridade no plano estratégico de Bush” In <http://usinfo.state.gov/journals/itps/1202/ijpp/pj7-4jim.htm>.

GARY, I. (2001) *O Fundo do Barril O “Boom” do Petróleo em África e os países pobres* Catholic Relief Services.

HAESBAERT, R. (2002) *A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al-Qaeda*. São Paulo Revista Terra Livre, Ano 18, vol. I, n.18, jan – jun, p.37-46

HOBBSAWM, E.J. (2002 a) *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*, Ed. Companhia das Letras, 2ª edição, São Paulo.

_____ (2002 b) *A era dos Impérios 1875-1914*, Ed. Paz e terra, 7ª edição, Rio de Janeiro.

- _____ (1988) *A era do Capital 1848-1875*, Ed. Paz e terra, 4ª edição, Rio de Janeiro.
- KHALAF, R. (2004) *Conexão africana deixa Europa exposta a ações terroristas*, Jornal Financial Times, edição de 17 de março.
- KINDER H. (1985) *Atlas Histórico Mundial*.
- KIPRÉ, P. (2002) *L'Afrique et ses avensirs*. In: MICHAUD, d'Yves (2002) *Géopolitique et Mondialisation* Universisté de tous les savoirs, vol. 19, Editions Odile Jacob: Paris
- OBSERVATOIRE GÉOPOLITIQUE DES DROGUES *La Géopolitique mondiale dès drogues 1998/1999: Relatório Anual abril/2000*
- OLIVER, R. (1994) *A experiência africana: da pré-história aos dias atuais*, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- POURTIER, R. (2001): *Afriques Noires*. Paris: Carré Géographie, Hachette Supérieur.
- RÉMY, J.P. (2004) *Lês Etats-Unis reforcent leur dispositif antiterroriste dans plusieurs pays africains*, Jornal Le Monde, edição de 05 de abril.
- RODRIGUES, J.C. (1990) *Pequena História da África Negra*, Ed. Globo, São Paulo.
- WALLERSTEIN, I. (1979) *The Capitalist world-economy*, Cambridge University Press, Editions de la Maiso des Sciences de l'homme.
- WESSELING, H.L. (1998) *Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914)*, Ed. UFRJ, Rio de Janeiro.